

O MITO DE MARIA DEGOLADA: ESTUDO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DE UM ESPAÇO DA CIDADE DE PORTO ALEGRE

ALESSANDER KERBER*

RESUMO

No presente artigo, pretende-se uma análise da identidade de um espaço da cidade de Porto Alegre: a Vila Maria da Conceição. Para tanto, utilizam-se depoimentos orais de moradores vinculados ao movimento musical, principal forma de expressão e de auto-representação daquela comunidade, e imagens tiradas deste local. A partir destes depoimentos e imagens, analisa-se a construção do mito de Maria Degolada, importante representação desta identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Maria Degolada, cidade, identidade.

Formada a partir das décadas de 40 e 50, a Vila Maria da Conceição, em Porto Alegre, foi construída ao redor do local onde está enterrado o corpo de uma moça assassinada no final do século XIX. Esta tornou-se um mito que representa a identidade daquela comunidade, como pretende-se analisar neste artigo.

Mitos e identidades são representações presentes no imaginário social, sendo este o conceito fundamental que norteia este trabalho. Neste sentido, cabe, aqui, referências sobre este conceito. Pensadores como Chartier (1990) e Bourdieu (1989) consideram que, para se relacionar com o mundo real, cada cultura constrói, a partir das práticas sociais, representações deste, as quais acabam orientando, novamente, as suas práticas sociais. As representações são, assim, a forma de conhecimento da realidade que cada sociedade constrói e reelabora através de lutas constantes. Tendo que diversas representações convergem e divergem em um mesmo tempo e espaço, o imaginário social é, justamente, um campo de lutas entre representações.

Para a compreensão do real, há um processo de significação e associação com símbolos já existentes no imaginário daquele grupo. Até

* Doutorando em História pela UFRGS, professor do Centro Universitário FEEVALE.

o desconhecido é pensado a partir de símbolos já conhecidos. Uma realidade, assim, nunca é apreendida de forma pura, sempre é apropriada e simbolizada, consciente ou inconscientemente, pelos grupos que dela se aproximam. E é nesta atribuição de sentido que percebemos que as representações não são "ingênuas". Apesar de se proporem a uma aproximação com a realidade, sempre são influenciadas pelos interesses do grupo que a produz. Como afirma Roger Chartier:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem o utiliza. As percepções do social não são, de forma alguma, discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso, esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus e o seu domínio. (CHARTIER, 1990, p. 17)

Outro elemento importante a salientar sobre as representações, aí especial enfoque nas representações míticas, é que elas não precisam seguir um rigor científico que comprove a sua veracidade. A sua força não está na comprovação científica como verdade, mas na capacidade de mobilização. Como afirma Bourdieu:

A força das idéias [...] medese, não como no terreno da ciência, pelo seu valor de verdade (mesmo que elas devam uma parte da sua força à sua capacidade para convencer que ele detém a verdade), mas sim pela força de mobilização que elas encerram, quer dizer, pela força do grupo que as reconhece, nem que seja pelo silêncio ou pela ausência de desmentido, e que ele pode manifestar recolhendo as suasvozes ou reunindo-as no espaço. (BOURDIEU, 1989, p. 185)

A cidade é, antes de tudo, materialidade. Porém, como materialidade erigida pelo homem, também é sociabilidade e, ainda, sensibilidade e, como tal,

É construção de um *ethos* que implica na atribuição de valores ao que se

convenciona chamar de urbano, é produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e que os representam; é percepção de emoções e sentimentos; é expressão de utopias, desejos e medos, assim como é prática de conferir sentidos e significados ao espaço e ao tempo, que realizam na e por causa da cidade. (PESAVENTO, 2002, p.24)

Neste sentido, a construção material e as divisões espaciais da cidade são, também, representações de construções imaginárias e divisões entre identidades. Cada cidade expressa, de variadas formas, uma identidade. Porém, sendo a cidade, por excelência, o espaço da diversidade, em uma cidade existem várias identidades que se distinguem, através de suas alteridades, através de símbolos que definem o espaço de cada identidade.

Não sendo a cidade ou os espaços urbanos construções apenas concretas, mas também imaginárias, freqüentemente recorre-se a mitos e heróis para explicar a origem e, conseqüentemente, a identidade destes. Em *The gods of the city*, Ítalo Calvino (1984) recorre à figura de deuses fundadores para explicar a origem e a dinâmica das cidades.

Na Grécia Antiga, por exemplo, a fundação da pólis de Atenas é explicada a partir do mito da deusa Palas Atena¹. Outro mito fundador do espaço urbano muito conhecido é o de Roma². Estes mitos de fundação, freqüentemente percebidos como absurdos dentro da nossa cultura cartesiana ocidental, não são uma invenção delirante sem nenhuma relação com o real. Através de mitos, as comunidades expressam o seu real, sendo que o imaginado tem valor de real para as pessoas que nele acreditam. Neste sentido, enquanto a existência de um deus chamado Marte, associado às práticas de guerra, aos nossos olhos parece um absurdo tão grande quanto o fato de que ele teria tido um filho que foi o fundador de Roma, para um romano da Antigüidade esta idéia poderia parecer bastante racional, dada, por exemplo, a grande belicosidade da civilização romana. Este poderio militar romano poderia ser explicado pelo seu mito fundador: o deus Marte.

¹ Em tempos imemoráveis, teria ocorrido uma competição entre esta deusa e o deus Ares. Quem oferecesse, aos humanos, presente mais útil, teria uma cidade erguida em sua homenagem. Ares presenteou os humanos com o cavalo enquanto Atena, com a oliveira. Conhecidas as, até hoje, várias utilidades da oliveira, Palas Atena ganhou a competição e, em sua homenagem e sob sua proteção fundou-se a polis ateniense.

² Conta a lenda que Rômulo e Remo eram filhos de uma filha do rei de Alba e do deus Marte. Um tio deles ordenou que fossem lançados no rio Tibre para, nele, morrerem. Foram, porém, salvos e sobreviveram graças ao fato de terem sido amamentados por uma loba. Ao crescerem, resolveram fundar uma nova povoação e, tirada a sorte, ficou decidido que Rômulo teria o privilégio de ser seu fundador.

A Vila Maria da Conceição tem, também, seu mito fundador, uma personagem que ultrapassou, em muito, as fronteiras da Vila e, inclusive, da própria cidade: Maria Degolada. Diferentemente dos casos de Atena e de Rômulo, tem-se provas concretas da existência de um moço que, no final do século XIX, foi degolado por um policial. Seu túmulo existe até hoje e foi construído pela própria comunidade, a qual o chama de Capelinha da Maria da Conceição. Lá, levam-se flores e pede-se ajuda a esta que, para muitos, é considerada santa.

Conforme Sérgio da Costa Franco, a região da Vila Maria da Conceição:

[...] se tornou conhecida como "Morro da Maria Degolada", em memória de um homicídio ali ocorrido, quando um soldado da Brigada Militar degolou sua amante. Evidenciando o quanto a tradição oral pode desfigurar fatos e situações, Maria Degolada foi tida por santa e até uma capela foi construída em sua memória, atraindo a piedade e as preces de numerosos fiéis. Ary Veiga Sanhudo, consagrado cronista da cidade, dedicou-lhe uma crônica, que serviu de base informativa às anteriores edições deste Guia, com a tentativa de identificar Maria Degolada ou Maria Conceição. Porém o cronista referiu sua morte ao ano de 1929, erradamente.

Há pouco tempo, a equipe de funcionários do Arquivo Público do Estado encontrou entre os autos findos do Cartório do Júri de Porto Alegre, março 85, n. 1.990, ano de 1899, o processo instaurado contra o soldado Bruno Soares Bicudo pela morte de sua amásia Maria Francelina Trenes (ou Ternes), que permitiu a correta identificação de Maria Degolada. O fato é muito mais antigo do que se supunha, pois ocorrido em 12 de novembro de 1899, tendo sido o assassino condenado pelo Júri da capital em 8 de fevereiro de 1900. Sem ser propriamente uma santa, tanto que, antes de ser degolada, investira duas vezes contra o amante, primeiro usando uma acha de lenha e depois um cano de ferro, Maria Francelina conquistou as simpatias póstumas do povo, que a converteu em "Maria da Conceição" e quase a canonizou." (FRANCO, 1998, p. 256-257)

As entrevistas que realizei na comunidade, porém, apresentam diversas versões sobre Maria Degolada, o que denota que o mito mantém-se em uma dinâmica de construção até os dias atuais, independente da versão oficial. Mestre Pára-queidas (Eugênio Silva Alencar), músico que elaborou vários sambas-enredo para a Academia Samba Puro, a escola de samba do morro, por exemplo, afirma:

Isso aí me toca quando eu falo porque eu sei a história dessa moça [...] Era uma menina de 14 anos que levava comida para o pai. O pai era cortador de pedra [...] naquela pedreira ali para baixo [da capela da Maria

Degolada]. Ela morava parece lá para o lado da Glória e ela subia o morro para trazer comida para o pai. E aconteceu, segundo a história que eu sei, que este sujeito que matou ela, ele num primeiro dia tinha tentado 'conversar' ela. E ela, uma menina de 14 anos, fugiu dele. Aí, no outro dia ele já não foi para conversa, ele agarrou ela.³

Indagado sobre a probabilidade dela ter sido uma "mulher da vida", como retratado recentemente em uma peça de teatro em Porto Alegre, Pára-quebras afirma não ser verdadeira. Conforme ele próprio, e confirmado por outros discursos de integrantes da comunidade, ela era uma moça de família que foi injustamente morta. Este fato, provavelmente, foi mais um elemento que possibilitou a sua santificação por segmentos da comunidade. Pára-quebras comenta, ainda, da identificação, em sua infância, entre finais da década de 40 e início da de 50, do morro com Maria Degolada:

Da Bento nós subíamos ali pela rua [...] pegava uma estradinha [...] aí passava e meu pai dizia: Olha, aquela cruz ali – e tinha só uma cruzinha – era da Maria Degolada, a Maria da Conceição [...] ali que mataram aquela menina.

Neste sentido, um elemento concreto favoreceu a identificação da comunidade com o mito de Maria Degolada: o fato deste grupo de pessoas ter erigido seu espaço dentro da cidade, no entorno de um local onde, anteriormente, havia a cruz onde foi enterrada aquela moça. Porém, este fato, sozinho, não foi o elemento que tornou Maria Degolada mito tão importante para a identidade daquela comunidade. Perguntado sobre como vê o caso da Maria Degolada, Pedro Antônio de Souza (55 anos), um dos principais articuladores do movimento musical da Vila, fala:

Em tudo existe uma coisa, né. Por exemplo, assim, eu sou católico, eu acredito em Deus, mas as mistificações que existem, a gente tem que acreditar, cara. Porque quem sou eu para dizer que não acredito na Santa se ela fez os milagres dela, se tu for beneficiado, eu tenho que acreditar na pessoa, porque senão não teria nome, senão não seria uma história, senão a Vila nem seria Maria da Conceição, está entendendo. Então, ela é nossa pioneira cara. Então eu acredito. [...] A nossa razão de vida, de coisa é aquilo ali: Maria Degolada. A Escola, tudo gira em torno de Maria da Conceição.

³ Todas as entrevistas citadas neste artigo foram cedidas e autorizadas suas publicações para fins culturais.

Carmen Maria Bica dos Santos (51 anos), integrante do grupo de tecelãs "Marias Marias", que também tem um trabalho musical na Vila através de cantos de celebração afro, afirma:

Para mim, ela foi uma mulher normal como a gente. [...] Achrom que ela é uma santa, que fez muitos milagres. E cada um conta uma história. No fundo, no fundo, ninguém sabe a história certa dela. [...] eu também acho que ela é uma santa, que ela está fazendo bem para as criaturas aí da comunidade, os pedidos, as promessas estão sendo tudo bem aceitos.

Mariza Jussara R. da Silva (58 anos), outra integrante do mesmo grupo, já tem uma versão mais influenciada pelos relatos oficiais sobre o caso, sendo uma das líderes do movimento pelo tombamento de Maria Degolada:

Nós fizemos um movimento para o tombamento da Maria Degolada, que é uma coisa que a gente está tentando tirar o misticismo de chamar ela de 'Degolada', a gente buscou o histórico dela todo, ela se chama Maria Francelina e a gente conseguiu colocar isso, que é Maria Francelina e não Maria Degolada.

Ela prefere o nome Maria Francelina porque:

Maria Degolada é forte, é uma coisa assim que dá, na gente, uma certa ansiedade. Não dá medo porque se desse medo ninguém estaria aqui.

Tendo vivido desde sua infância na Vila, Mariza conta sobre os rituais sincréticos realizados para Maria Degolada.

Eu me lembro que na época que eu era guria tinham muitas oferendas de noivas que casavam traziam da cerimônia de casamento, traziam todo o enxoval que casou, todo o vestido de noiva, o buquê, colocava ali para ela. Como tinha muita promessa de cabeça, pé, mão, pessoas que se machucavam, ficavam doentes, prometiam alguma coisa, traziam e colocavam ali para ela. Para muitos aqui ela é santa.⁴

Apesar de terem sido encontrados registros oficiais sobre o caso de Maria Degolada, sua história tornou-se um mito. Este mito é comparável ao da Grécia Antiga, pois não foi constituído por nenhuma Igreja, clero ou por livro sagrado. Apesar de haver igrejas dentro da comunidade da Maria da Conceição, o mito de Maria Degolada não foi

⁴ Os anexos 1 e 2 são fotos da Capelinha de Maria Degolada, tiradas por mim neste ano. Na foto 1, aparece seu túmulo repleto de oferendas. Na foto 2, aparecem as placas de agradecimento que moradores da Vila colocam em frente ao seu túmulo.

assimilado oficialmente por nenhuma Igreja, apesar de aquela população, em suas práticas religiosas sincréticas, misturarem-na com elementos de várias religiões. Chamam-na de santa, utilizando um conceito da Igreja Católica. Porém, esta mesma Igreja nunca a reconheceu como tal.

O mito de Maria Degolada parece ter se constituído através do consenso, numa construção coletiva da comunidade, de forma semelhante ao mito grego, como o define Vernant:

Suas certezas não se situando no plano doutrinal, não envolvem, para o devoto, sob a pena de impiedade, a obrigação de aderir em todos os pontos e segundo a letra a um corpo de verdades definidas; basta, para que cumpra os ritos, ter fé num vasto repertório de narrativas, conhecidas desde a infância, e cujas versões são bastante diversas, as variantes suficientemente numerosas para deixar a cada um, uma extensa margem de interpretação. É nesse quadro e desta forma que tomam corpo as crenças em relação aos deuses e que se chega a um consenso de opiniões suficientemente seguras quanto à sua natureza, seu papel, suas exigências. (VERNANT, 1992, p.22)

Independentemente da existência concreta ou não dos mitos fundadores de uma comunidade, eles só se mantêm vivos no imaginário dessa estando associados à sua realidade presente. Maria Degolada, apesar de ter sido uma pessoa "real", no sentido de concreta, tornou-se mito através de uma construção coletiva, numa história passada de pai para filho. Independentemente da história "real" desta moça, a importância deste mito dentro da comunidade demonstra-se na grande quantidade de placas de agradecimento e oferendas que são levadas a seu túmulo, bem como, e especialmente, no fato dos mais variados integrantes da comunidade saberem sobre a história dela. Nesse sentido, Maria Degolada, além de personagem histórico, é mito fundador da identidade de uma comunidade.

Um elemento essencial que compõe a identidade desta comunidade é a questão da exclusão social. Nas próprias expressões utilizadas pela comunidade para se representar, demonstra-se esta questão. Ao se representarem, utilizando o termo "excluídos", definem-se em oposição aos "incluídos" da cidade. Ao se representarem como "periferia", expressão também presente no discurso de vários dos integrantes da comunidade, definem-se em oposição a uma comunidade central da cidade, em oposição a uma comunidade privilegiada que, diferente deles, tem acesso às vantagens e ao bem-estar que a cidade proporciona.

Rodrigo Corrêa de Souza (21 anos), integrante do grupo de pagode

"Obsessão", define três espaços sociais: o morro, a baixada e o asfalto. Em seu discurso, há uma relação de identidade entre o morro e a baixada, que são as duas regiões da Vila Maria da Conceição (o morro é a parte mais alta e a baixada, a mais baixa, em termos de relevo). Ao mesmo tempo, define uma relação de alteridade entre o morro e o asfalto, que representa a cidade "incluída". O asfalto, símbolo da modernização, também serviu, no imaginário desta comunidade, para representar a inclusão social. Apesar de algumas ruas da Vila terem, recentemente, sido asfaltadas, este asfalto ainda representa os espaços da sociedade de classe média, onde o poder público historicamente agiu de forma mais intensa no processo de modernização da cidade.

Maria Degolada, o mito fundador da Vila Maria da Conceição, representa esta identidade de exclusão em relação, especialmente, ao poder público. Maria foi degolada, exatamente, por um representante do poder público: um policial. Esta história provavelmente criou significado e continua presente no imaginário atual da comunidade em função da também continuidade de uma condição de marginalidade e exclusão social. Ao mesmo tempo, em vários discursos de moradores e outros integrantes da comunidade, mantém-se presente uma certa indignação em relação à atuação da polícia com a comunidade.

BIBLIOGRAFIA

- BACKZO, B. A imaginação social. IN: ROMANO, Ruggiero. *Enciclopédia Einaudi*. v. 5. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985. [p. 296-331]
- BENJAMIN, Walter. Parque Central. IN: KHOTE, Flávio R. (org.). *Walter Benjamin. Sociologia*. São Paulo: Ática, 1985.
- BOIA, Lucian. *Pour une histoire de l'imaginaire*. Paris: Belles Lettres, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Bertrand/Difel, 1989.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Identidade e etnia; construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CALVINO, Ítalo. *The gods of the city*. Monumentality and the city. Cambridge, The Harvard Architectural Review IV, 1984.
- CERTAU, Michel de. O imaginário da cidade. IN: Certau, Michel. *A cultura plural*. Campinas: Papius, 1990.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural*. Lisboa: Bertrand/Difel, 1990.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador da sociedade autoritária*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000.
- CHAUVEAU, Agnès; TÉTARD, Ph. (org.). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: guia histórico*. POA: UFRGS, 1998.

- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1990.
- MACEDO, Francisco Riopardense de. *História de Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1973.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. IN: *Projeto História*. São Paulo: Ed. PUC-SP, 1993. [7-28]
- OLIVEN, Ruben George. *Urbanização e mudança social no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Memória, história e cidade. Lugares no tempo, momentos no espaço. In: *ArtCultura*. Uberlândia: UFU, junho/2002. Vol. 4. n° 4 [p. 23-35]
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed UFRGS, 1999.
- THOMPSON, Paul. *The voice of the past*. Oral History. Oxford University Press, 1978.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e religião na Grécia antiga*. Campinas: Papirus, 1992.

ANEXOS

(Fotos 1 e 2)



Foto 1



Foto 2

